

NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Sociedade Martins Sarmento
Guimarães

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da Rainha, 56 A — 1.º e 2.º Andar — Telef. 4313. — Composição e Impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Telef. 4177 — Rua de Santo António, 133.

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

O Grande Dia

Por Vina de Matos.

Aquela noite, a noite de passagem para o Grande Dia, foi para mim uma noite muito grande, foi uma noite imensa! Não consegui dormir.

Sobre a mesinha de cabeceira, o aparelho radiofónico não deixou de falar.

E eu ouvia, regalada, a repetição da sensacional notícia, em todas as línguas, as mais diversas, as mais antipodas do nosso mavioso português. Ouvia-as todas, e mesmo quando não entendia nada, experimentava uma alegria infinita por saber que estavam a falar do palpitante acontecimento. No dia seguinte, à tarde, Churchill anunciaria ao mundo, oficialmente, o fim da guerra na Europa — a Vitória da Paz!

Sem sequer passar pelo sono, levantei-me cedo, fresca como uma alface e leve como uma pena.

Abri a vidraça e pus-me a contemplar o mundo.

Achei tudo mudado para melhor.

O nevoeiro a desvanecer-se tinha a transparência de uma gaze de seda, e a terra, na exuberância das graças primaveris, lembrou-me uma bailadeira despojando-se dos véus para iniciar uma dança estranha...

Tudo diferia. O céu alto mais azul, as rosas distantes mais coloridas, os pássaros voados mais alegres, pareciam outros!

E eu não precisava de afastar o olhar à procura de surpresas. Dentro do rectângulo dos quatro muros do meu quintalório, também se haviam operado miraculosas transformações...

Como os meus gerânios, os rústicos gerânios criados ao Deus-dará, estavam belos, fantásticamente floridos! Nunca os vira assim!

E o meu choupo?! Formoso, um assombro!... Suntuosamente vestido de verde, as folhas novas e úmidas reluzindo ao sol, erguia-se numa aleluia de esperança!

Sim, tudo mudara para melhor.

A Paz voltava, e o regresso da Paz dava singular doçura à manhã incomparável...

Porque a Paz que surgia, pela qual tinham sofrido e tombado tantos inocentes, não era bem a mesma de outros tempos — também mudou bastante...

Dantes, a Paz significava apenas trégua, significava apenas intervalo... O horrível espectáculo prometia recomençar sempre...

Agora, a Paz que chegava naquele grande dia inolvidável, será uma paz constante e duradoura. Pode o futuro traír o passado, pode o destino desmentir-se a si próprio, pode o espírito do mal sobrepôr-se ao da Justiça — no momento, o que se esperava, o que se festejou, o que se recebemos, chama-se Paz constante e duradoura!

Oxalá os homens a saibam merecer.

Paz tão completa não se faz — conquista-se. A' sombra de-

la, ao calor das suas asas, deve o mundo, depois de curadas as múltiplas feridas, recomeçar a viver com satisfação e dignidade.

Por isso tudo, tudo se mostra diverso, bem mudado, e o belo, o esplêndido dia se mostrou diferente de todos os dias. As coisas mais queridas ganhavam feição amorável.

A tarde, após o discurso, choveu torrencialmente. Essa pancada de água assemelhou-se à crise de choro de uma mulher nervosa que desabafa nas lágrimas a sua enorme felicidade.

E o próprio vento que se levantou a seguir, o arrelia dor vento que às vezes me expusera, se propôs obsequiar-me, num gesto fidalgo. Sacudindo as flores de sabugueiro que me espreitavam por cima do muro, juncou o chão do meu quintalote de pequeninas estrelas brancas! Um alvíssimo tapete de néveas e minúsculas estrelas, sim, oferta do meu gentil inimigo!...

E até o vizinho da esquerda que assume atitudes de régulo entre as couves e nabijas, o antipático vizinho da esquerda, um senhor impossível que arma esparrelas aos melros e atira pedras aos meus gatos, ao ver-me, contra o costume, inclinou a cabeça dirigindo-me um sorriso inefável...

Fazendo das tripas coração, não tive outro remédio senão retribuir o cumprimento acompanhado de um não menos inefável sorriso...

O dia era de Paz...

Activam-se os trabalhos

para as nossas

Festas da Cidade

O Pevidém, ao lado da Cidade, deu-nos de novo a sua franca, valiosa e indispensável adesão.

O Pevidém, como sempre, recebeu de braços abertos a Comissão Executiva das Festas da Cidade, e de boa vontade, com o trato afável dos seus habitantes, com a sua generosidade nunca desmentida, afirmou-nos mais uma vez, por maneira bem digna dos maiores louvores, o seu bom desejo de colaborar com a Cidade, de estar ao seu lado, de seguir nobremente os seus passos, ajudando aqueles que querem — e porque querem — firmemente, não-de vencer — elevar o nome de Guimarães.

Estamos todos de parabéns, tanto os que moram na Cidade como os que moram nos lugares afastados, pois todos integrados no mesmo pensamento e no mesmo desejo de servir e de vencer, nos encontramos a colaborar numa obra bem digna de nós próprios e da Terra.

Com tão boas vontades, com tantas dedicações, com tão franca colaboração, não nos enganaremos se afirmarmos que as Gualterianas deste ano não-de ser das mais brilhantes, das mais ruidosas, das mais

No Aniversário Natalício do venerando Cônego Vasconcelos

recorda-se saudosamente a Insigne e Real Colegiada e pergunta-se: Porque não tentar a sua restauração?

No dia 1 de Junho próximo, como noutra lugar noticiamos, completa 81 anos de idade, o ilustrado sacerdote e antigo e distinto Professor do extinto Seminário e do nosso Liceu, o Senhor Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, que sempre tem sabido impôr-se à admiração e ao respeito de toda a gente.

A figura simpática do único membro ainda vivo da Insigne e Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, de tantas e tão gloriosas tradições, não atravessa as nossas ruas, nos seus habituais passeios, sem que desperte aqui ou acolá, neste ou naquele grupo ou até mesmo isoladamente numa ou outra pessoa das muitas que há ainda ligadas pelo coração às coisas gradas da nossa terra, esta pergunta: Porque não tentar a restauração da Colegiada da Oliveira?

Realmente a veneranda relíquia é uma recordação saudável de tão insigne Corporação e desperta em nós o desejo de ver restabelecer-se a Colegiada que tanto prestigiou o nome da nossa Terra.

Este assunto, cuja importância para Guimarães todos compreenderão por certo, traz interessado um punhado de devotados vimaranenses que ainda há poucos dias trocaram impressões entre si e estão dispostos a enfrentar o problema que representa, deve dizer-se desde já, uma antiga e justa aspiração de Guimarães.

Esse grupo de pessoas levando à sua frente, em digna representação da antiga e saudosa Colegiada de Guimarães, o Rev. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos conferenciará em breve com o Senhor Presidente da Câmara, no intuito de se agitar o problema, depois de obtido o necessário e indispensável apoio da Autoridade Administrativa.

Estamos certos que esse apoio, valioso sem dúvida, não faltará e ambicionamos por isso que vá por diante tão oportuna, tão simpática e tão bairrista iniciativa.

E certos estamos, igualmente, que não faltarão louvores, aplausos e a necessária colaboração, junto das pessoas que devotadamente, entusiasticamente e com um único objectivo, **SERVIR GUIMARÃIS**, se propõem agitar este assunto de tão palpitante interesse para a Cidade e Concelho.

De esperar é, pois, que só facilidades se lhe deparem no caminho das suas realizações para que desse modo possam ser coroados do maior êxito a sua iniciativa e os seus prementes esforços.



Cônego Alberto da Silva Vasconcelos

Dona Amélia de Bragança

Chegou a Portugal, de visita aos túmulos de seu marido e filhos, a Senhora Dona Amélia de Orleans e Bragança, que foi Rainha de Portugal. É uma Mulher, uma Senhora, foi nossa Rainha, e tem oitenta e três anos. Pisa de novo terra portuguesa após trinta e cinco anos de exílio. Traz a sua cabeça toda branca, nimbadada pela já hoje esfumada auréola de um duplo martírio.

Diante da sua majestática figura seria indigno que alguém, encantadoras que aqui se têm realizado depois das memoráveis Festas de 1923.

Uma vez ultimados os trabalhos de angariação de fundos — e esses trabalhos não podem parar por ora porque ainda há muito a fazer e muito a esperar... — o programa surgirá, activo, com seus numerosos sensacionais, que não-de satisfazer inteiramente a curiosidade, o interesse, mais ainda o desejo, de todos quantos se interessam pelo progresso, pelo bom nome e pelo prestígio de Guimarães.

Faltam dois meses apenas, tempo que depressa passa, para a realização das Festas.

Oxalá que no decorrer deste tempo só facilidades encontrem as pessoas que afanosamente trabalham, dia e noite, com o firme propósito de fazer alguma coisa de bom, de grandioso.

fôsse a que pretexto fôsse, desenhasse um gesto político a sabor das suas idéias partidárias ou ideológicas. A Senhora Dona Amélia de Orleans é hoje uma veneranda figura de um Passado que nesta hora em que ela é hóspeda de honra de um País onde brilhou e sofreu como Rainha, seria desleal e cruel relembrar. Não vem a Senhora Dona Amélia a Portugal como traço de união entre esse Passado e um Futuro que lhe possa dizer respeito a ela ou a nós. Vem com o seu coração sangrando saudades, ajoelhar piedosamente junto dos túmulos dos seus mortos, num minuto de angustiada ternura, perante o qual se devem calar todas as vozes, suspender todos os pensamentos, para que o seu pensamento se fixe, sem perturbações de qualquer espécie, para além da vida de hoje, a mergulhar as suas raízes nas cinzas diluídas dos seus mortos.

Não veio a Senhora Dona Amélia a Portugal como Rainha. Veio como mulher, na dupla qualidade de esposa e de mãe.

Por muito alto que fôsse o seu sentimento ao pisar terras onde reinou, mas que só foram suas por adopção, um só pensamento lhe absorveu o seu espírito, lhe encheu o

Conclua na 2.ª página

CONCURSO Rescaldo do Vestido de Chita

Eleva-se o número de concorrentes. Aumenta a lista dos valiosos prémios. Continuam as adesões

Está assegurado o êxito.

Na noite do dia 16 de Junho, desde que não surja qualquer dificuldade, teremos a Grande Festa do Vestido de Chita, na vasta Parada dos Bombeiros Voluntários.

Iluminações, música, fogo de artifício, festas regionais e muitos outros números de sensação, não-de atrair nessa noite, àquele recinto, grande multidão de pessoas.

O desfile far-se-á em estrado próprio e na presença do júri que será presidido pelo Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal. Ali mesmo será proclamada a Rainha do Vestido de Chita que há-de representar a Cidade de Guimarães na prova final deste moralizador Concurso, a realizar em Julho, no Porto, no Palácio de Cristal, por iniciativa do nosso brilhante colega «Jornal de Notícias».

Depois, acabado o festival, extintos os acordos musicais, queimado o último fogo dos consagrados pirotécnicos de Viana do Castelo, começará, no salão nobre da benemérita Corporação dos Bombeiros, o encantador Baile das Chitas, uma animada reunião dançante, cheia de cor, de alegria, em que a mocidade se vai divertir durante algumas horas.

Além das numerosas inscrições que já aqui registámos, temos a acrescentar, hoje, as que foram feitas pelas meninas: Ana Ferreira Faria, Maria Arminda da Silva Costa e Maria Alice.

Quanto a prémios e conforme o que prometemos, vamos também mencionar os que nos foram oferecidos ultimamente. Eis-los:

Casa dos Linhos, de Teixeira de Abreu & C.ª, um valioso jogo de cama; Sapataria Luso, um par de sapatos; L. Oliveira & C.ª, uma colecção de livros; Freitas, Pereira & C.ª (Fábrica da Madroa), 1 linda colcha de seda; Fábrica do Arquinho, de António José Pereira de Lima, uma valiosa toalha de mesa e guardanapos.

Também os nossos amigos srs. Manuel Machado (Foto-Beleza) e Luís Aguiar (Salão Aguiar) nos comunicaram que oferecem, o primeiro uma ampliação fotográfica à concorrente classificada em primeiro lugar e o segundo o arranjo de cabelo às concorrentes que o pretendam, assim como uma ondulação permanente à primeira classificada.

Mas não ficaram por aqui as adesões recebidas: os consagrados pirotécnicos Silva & Filhos, de Viana do Castelo, deliciar-nos-hão com uma magistral sessão de fogo. Será um número lindíssimo que por certo vai deixar em todos os assistentes à nossa grande festa agradável impressão.

E já que falamos em fogo, queremos registar a oferta que nos foi feita pelo competente pirotécnico sr. Augusto Fernandes, das Taipas, de algumas dúzias de foguetes para o festival.

Os nossos amigos srs. Francisco Larangeiro dos Reis, José Ramos Martins Fernandes, Camilo L. Reis Matos, Francisco Vaz da Costa Marques, José Luís Pires, Alfredo Teixeira Pinto e Castro e Manuel Paulino Ferreira Leite, puseram-se à nossa disposição para colaborar também, na organização do Baile das Chitas.

Não nos enganaremos se dissermos que, com tantas adesões e boas vontades, o festival deste ano marcará.

Por toda a próxima semana será feita a exposição dos prémios que já temos em nosso poder, numa das vitrines da Casa Pimenta (Filial da Casa Alberto Pimenta Machado) à Rua de Santo António.

E a inscrição continua aberta.



O mundo é ainda um incêndio, mas já se vislumbra o rescaldo em que vai terminar. E neste momento, de vitória por um lado e derrota, por outro, é que mais intensa se torna a necessidade do equilíbrio em todos os campos.

E preciso que qualquer barco, mesmo o mais desmantelado, que demande porto de abrigo, o encontre com segurança e fé. E preciso sentir-mos outra vez gosto pela vida, apêgo ao trabalho, esperança no futuro.

Muitas pessoas têm medo do rescaldo, quando êle, afinal, não queima nunca como a própria chama — é ponto de partida para nova ressurreição.

E se essa ressurreição resultar para bem de todos nós, se fôr Deus que a molde nas suas mãos, porque não há-de ser pelo caminho do melhor e do mais alto?

Porque não havemos de combater todos pela conquista de uma directriz humana e muito defensável: o bem-estar colectivo?

O justo, a verdade, o direito a uma vida clara em elo de cadeia geral e compreensiva.

Quere isto dizer que todos havemos de ser iguais?

Não. A própria natureza cria diferenças; o que se deve é aproveitar tal diferenciação, como disse Mac-Donald: «as desigualdades nas inclinações, facultades e aptidões do homem podem ter algum motivo para encontrar uma aplicação racional, de tal maneira que cada um possa contribuir com serviços apropriados para os fins colectivos. A cooperação de entidades diferentes na produção de um conjunto harmónico é a aspiração da colectividade perfeita».

Acabou a onda da barbaria, que assolou o mundo, está a findar o período em que matar ou morrer eram factos sem menor importância — vai entrar agora em acção o sentido moral dessa força que tem mais valor do que uma baioneta, pois actua directamente sobre almas e corações: o espírito.

Haverá sempre egoísmo na terra, mas, em face de toda a desgraça empapada em sangue e em lágrimas, que entenebrece esta hora, o homem tem, forçosamente, que estender a mão ao seu semelhante, que abrir os braços ao seu irmão.

Da hecatombe vai ressurgir uma vaga de consoladora solidiedade, vibrante como um hino, purificadora como uma prece.

O eu transformar-se-á em nós, não só por efeito de caridade, mas sim pelo grande

GENERAL BÉTHOUARD

Comandante do 1.º Corpo do Exército Francês do general DE LATTRE DE TASSIGNY, que se revelou na Libertação da Alsácia.

MONSIEUR DAUTRY

Ministro da Reconstrução do
Governo Provisório
da República Francesa



Convicção

Chorar não vale; a vida é toda assim:
Um constante aspirar, um vão desejo
O doce-amargo dum perjurio beijo
O princípio dum sonho... e logo o fim!

Um dia não é mais do que um lampejo...
Eternas só as frevas, estas sim!
— Esperanças que eu tive!... E quanto a mim
Dessas fãntas, nem uma agora vejo!

Após rûir da breve Moçidade
Vem sobre nós a negra Realidade
E nada mais podemos conceber

Além desta certeza, dura e forte:
Um passo mais para atingir a Morte,
Cerrar da noite desse esçurecer!

Douro — S. João de Lobrigos
9-IV-45.

ANTONIO VILAÇA.

**Alfredo Guimarães Exposição
de António Silva**

Na página principal do *Diário de Notícias*, de Lisboa, de terça-feira última, vem publicado, com fotografias de Alvão, do Pôrto, o estudo do ilustre escritor e director do Museu de Alberto Sampaio. Sr. Alfredo Guimarães, intitulado «O Tríptico da Capela de S. Brás», notabilíssima obra de pintura existente no nosso Museu Regional.

O artigo, publicado a convite da Redacção daquele jornal, teve, pelo que sabemos, um largo sucesso cultural no país.

A convite do Secretariado da Propaganda Nacional, o Sr. Alfredo Guimarães está a colaborar, desde agora, no movimento cultural do inter-câmbio Luso-brasileiro, escrevendo estudos de carácter etnográfico, histórico e de crítica de Arte. Foram já publicados os trabalhos referentes a Guimarães, intitulados «Quinta-feira das rosas», saudosa evocação da quinta-feira da Ascensão na antiga Colegiada de Guimarães, e o estudo histórico e crítico denominado «Bordado Artístico do Egito Cristão», referente a uma raríssima peça egípcia que o Museu Regional de Alberto Sampaio possui.

movimento da inter-compreensão.

Não se nos afigura nada temível o rescaldo que tantos temos: trabalhadores somos e trabalhadores continuaremos a ser — mas num mundo melhor, mais justo e mais feliz.

Acaba o incêndio.
Ainda se vê o clarão e se ouvem estertores.

Dêste cantinho ocidental da Europa, uma prece está-se erguendo devotamente: de olhos postos no céu e voz sufocada pela emoção, todas as mães portuguesas a murmuram, enquanto lágrimas lentas lhes correm pelas faces:

— Obrigada, meu Deus, obrigada por terdes salvo do incêndio os meus filhos queridos!

Aurora Jardim.

(Do *Jornal de Notícias*.)

**A Mulher dos meus sonhos,
A Vizinha do Lado e as senhoras elegantes, só usam meias da CASA DAS MEIAS.**

Sortido Completo

**CAMISARIA MARTINS
A CASA DAS MEIAS**

No MEU CANTINHO

Não sei já quantos livros e quantos opúsculos me hão dado uma idéia bem pálida da grandeza do Universo.

Mas, caso curioso, à medida que aprecio as descrições do Universo ou vejo referências à sua constituição, o Universo, sempre maravilhoso, me parece cada vez maior.

Ainda agora *A Cruzada* de 20 me trouxe sobre nebulosas uma síntese assombrosa.

E há quem julgue o Universo sem um Guia!

Estão ali guardadinhos os 32 números da riqueza de quinzenário que se chama *O Gaiato*.

Desta vez desconsolou-me. E foi um desconsolar tão profundo como foi alto o prazer que me deu *A Cruzada*.

O P. Américo deixa liberdade plena aos seus gaiatos para andarem aos ninhos!!

O meu rico Padre Américo, isto é sonho ou é verdade?!

O meu Julinho é cada vez mais alto!

Se na Literatura há sempre revelado dotes de raro preço, na Política demonstra a cada passo uma visão bem larga que deslumbra a gente.

O seu *Leopoldo III* é um apanhado político que confirma o meu pensar.

No *Comércio do Pôrto* deradeiro. Dos seus Folhetins Dominicais.

6.

D. AMÉLIA DE BRAGANÇA

Conclusão

seu coração, lhe fez vibrar a sua alma — a visão dos seus mortos. Respeitemos esse sentimento duplamente sagrado e que ninguém possa confundir, para explorar, uma romagem de ternura com uma visita de carácter político. Não há, não pode haver, não deve haver política onde apenas tem de existir o profundo anseio de uma alma em concentrar-se, em religiosa comunhão de angústias redivivas, mais perto daqueles que, destinos impenetráveis, arrancaram dos seus braços.

Depois a Senhora D. Amélia, no respeito desse sentimento e de si própria, regressará à sua Pátria com a consoladora certeza de que em Portugal souberam compreender e respeitar a sua dôr, as suas lágrimas e as suas sagradas recordações.

E' diante dessa dôr, dessas lágrimas e dessas recordações que eu me curvo respetosamente, e para o fazer não necessário desrespeitar-me nos meus sentimentos políticos, nem de abdicar da minha intransigente posição de homem conscientemente livre nos caminhos que tracei à minha orientação portuguesa.

Seja benvinda a Portugal a Senhora D. Amélia de Orleans e que ao regressar ao seu País leve, no seu dolorido coração, martirizado por angústias das maiores que um coração de mulher pode sofrer, a certeza de que os nossos corações souberam compreender e respeitar o piedoso sentimento que a trouxe a Portugal.

(Da secção Factos e Comentários, do *Jornal de Notícias*.)

Lêde e assinai o *"Notícias de Guimarães"*, restaurada, restando que sejam feitos os restauros da nave, da frontaria e do escadôrio.

As Homenagens FUTEBOL Livros & Jornais

aos Chefes

No penúltimo sábado e por motivo da homenagem que o País prestou aos seus ilustres Chefes, os Senhores General Carmona e Doutor Oliveira Salazar, houve também, nesta cidade, manifestações de regozijo. Uma grande parte dos prédios embandeiraram as suas fachadas e à tarde, à hora da memorável manifestação do Terreiro do Paço, ouviram-se repiques festivos e acordes musicais.

Para Lisboa foram expedidos numerosos telegramas de saudação, dos organismos corporativos e outras colectividades.

As Juntas de Freguesia da Cidade, fizeram expedir os seguintes telegramas:

Excelentíssimo Presidente Conselho LISBOA

Hora jubilo nacional pelo restabelecimento paz Europa Juntas Freguesia cidade de Guimarães estão presentes este meio nas homenagens justamente tributadas Vossa Excelência pelos portugueses patriotas integrados alto pensamento que orientou política internacional benefício Nação nas horas sombrias guerra

Os Presidentes

Tenente Mário Pinheiro
Manuel Moreira
Alves Oliveira

Excelentíssimo Presidente da República — LISBOA

Juntas Freguesia cidade de Guimarães associam-se às homenagens justamente prestadas Vossa Excelência reconhecimento benefícios orientação seguida mantendo Nação afastada cataclismo guerra

Os Presidentes

Tenente Mário Pinheiro
Manuel Moreira
Alves Oliveira

Sociedade Filarmónica Vimaranesa

Sociedade de Concertos

Eis o programa a executar no próximo concerto, como fecho da época de 1944-1945:

1.ª PARTE

- I ESTUDO — Power.
- II DANÇA DO FOGO — Manuel de Falla.
- III CAPRICHOP. 3.ª. — S. Bortkiewicz.
- IV SONHO DE AMOR — Liszt.
- V POLACA Op. 53 — Chopin.

Solos de piano por Isabel Bazan Bramão

2.ª PARTE

- I IL BARBIERE DI SIVIGLIA UNA VOCE POCO FA — Rossini.
- II IL FLAUTO MAGICO GIL ANQUI D'INFERNO — Mozart.

Canto pela Soprano Lírico Isabel Câmara
Ao piano, sua mãe, Maria Câmara

3.ª PARTE

- I VERSOS DE AMOR
- II O CRAVEIRO DA JANELA
- III O LUTO DAS ANDORINHAS
- IV CARMENCITA
- V GUIMARÃIS (Soneto inédito)

Versos de Ludovina Frias de Matos, recitados pela autora

4.ª PARTE

- I TEMA COM VARIAZIONI — H. Broch.
- II MIGNON — POLACA — IO SON TITANIA — A. Thomas.

Canto pela Soprano Lírico Isabel Câmara
Ao piano, Maria Câmara

A fim de evitar aglomerado de serviço de Secretaria, roga-se aos Ex.ºs S.ºcios o favor de procederem, sem demora, às marcações dos respectivos lugares.

28 de Maio

Pesteja-se amanhã mais um aniversário da Revolução Nacional.

No nosso Distrito o comércio estará encerrado conforme disposição do respectivo Contrato Colectivo de Trabalho.

Após 60 dias de interdição rigorosa, imposta por uma lamentável e restrita ocorrência para que em nada contribuiu, o Vitória vai poder utilizar o seu campo de jogos, aproveitando este fim de época para ali realizar alguns jogos de carácter particular.

Assim sabemos que no próximo dia 3 de Junho o Vitória defrontará o valoroso F. C. de Famalicão, que vem retribuir a visita que os vimaranenses hoje lhe fazem.

A Direcção do Vitória continua a cuidar da preparação técnica e atlética dos seus jogadores, submetendo-os com regularidade a treinos.

A preparação atlética é-lhes ministrada pelo distinto desportista Sr. Dr. José Maria de Moura Machado, uma autoridade na matéria, e a sua acção vem-se já reflectindo benéficamente.

Os treinos de futebol continuam a ser orientados por Virgílio de Freitas, um antigo e consciente jogador, que foi e ainda é uma dedicação pelo seu Clube, até que seja contratado o treinador oficial.

E tudo vai caminhando bem.

Foram convocados, segundo lêmos, para treino da Selecção Distrital, que há-de defrontar a de Vizeu, os seguintes elementos do Vitória:

Machado, Curado, José Maria, Miguel, Alexandre e Alcino.

Estranha-se que João nem sequer tenha merecido a honra de convocação.

Realizou-se há dias em Fafe, no Campo de S. Jorge, a festa de despedida do popular jogador José Fernandes, mais conhecido por José da Ribeira. O Vitória quis associar-se a esse acto de homenagem ao valoroso desportista, enviando ali, para fazer um jogo, a sua categoria de Júniores, que é chefiada pelo «velho» Bravo.

No passado domingo realizou-se, nas Caldas das Taipas, um desafio de futebol entre os grupos Desportivo da Escola Francisco de Holanda e a Associação Académica do Norte, para disputa da taça «Tira-Teimas».

Dêste encontro saiu vencedor, por 3-2, o Desportivo da Escola F. de Holanda.

Na mesma vila realiza-se hoje a segunda mão daquela disputa, que terá lugar às 15 horas.

E' grande o entusiasmo por este último jogo por parte da população das Taipas e muito especialmente pelos académicos e escolares vimaranenses.

Festas da Cidade

A Comissão das Festas da Cidade continua a trabalhar com todo o afinho, sem olhar a cansaças e a sacrificios, para que a realização das mesmas se faça com grande impenção e muito brilho. Estamos convencidos de que assim acontecerá, não só porque as pessoas que constituem a Comissão são seguras garantias disso, mas também porque todos os vimaranenses de boa vontade e de fervoroso bairrismo igualmente assim o desejam, como se vai verificando pela forma como a referida Comissão tem sido recebida. Quanto a Músicas, informamos-nos de que já estão contratadas algumas de reputada fama entre elas a Banda Municipal de Vila Verde, que este ano virá a Guimarães pela primeira vez. Trata-se de um conjunto musical que tem percorrido muitas e importantes terras do País, em todas tendo deixado a mais agradável impressão. A Marcha Guateiriana, ao cuidado dos briosos e activos Empregados do Comércio, resturgirá muito melhorada e constituirá, sem dúvida, um dos números mais

O Crime de um homem bom — por Nuno de Montemor.

Nuno de Montemor é um dos melhores escritores desta geração. O adjectivo melhor tem aqui dois sentidos: o moral e o literário. Moralmente, não há ingenuidade que se creste nem desconhecimento que se revele, com a leitura das obras deste emérito escritor. Literariamente, a sua pena é castiça e conhece todos os escaninhos da fonética, morfologia e sintaxe, dando-nos um conjunto de som harmonioso, a contextura da palavra com todas as suas galas gramaticais e a formação do período com garbo, elegância e precisão. Escreve como os que melhor escrevem, com a diferença, para muitos, de que os seus livros são orientados por um ideal puro e verdadeiro, o único verdadeiro — Deus. Neste seu romance, Nuno de Montemor mostra-nos como o crime pode ser expiado. Quem era Júlio Brás? Qual foi o seu crime? O amor, o amor carnal, esse amor que enlouquece, consegue às vezes enegrecer as almas mais santas. Foi o que sucedeu ao coração mais recto e amável de Vale Soito. O romance trata do homicídio praticado por Júlio Brás e, especialmente, da expiação. O que pode fazer um homem com força de vontade! O que podem fazer mãos ricas, quando entre essas mãos está Deus! «O crime de um homem bom» é um romance em que tudo é grandioso, desde o estudo das personagens à ideia da obra, desde o fervilhar das almas à prática do bem, desde a sombra do passado ao sol a jorros do presente, desde a concatenação dos factos à maneira de expôr esses factos. A gente prende-se de tal forma às suas páginas que só descança no último capítulo, quando os dois rivais, irmãmente, cristãmente, ficaram junto no cemitério como dois amigos reconciliados, embora durante a vida o amor pela mesma mulher os incompatibilizasse.

Dizer que este livro nos agrada — é pouco; e pouco é também dizer que está estruturado sobre os moldes mais perfectos do género. E' preciso dizer que nos consola. Livros como os de Nuno de Montemor devem estar em todas as estantes e andar em todas as mãos. (Edição da União Gráfica — Lisboa).

F. T.

Afinidades.

Acaba de ser posto à venda mais um número desta valiosa revista de cultura luso-francesa que, como os anteriores, foca assuntos de palpitante interesse.

No presente número de Abril — o n.º 11 —, além da colaboração portuguesa de Fidelino de Figueiredo, J. Alves Correia e Henrique Ferreira Lima, «Afinidades» dá-nos artigos tais como «Poètes de la Résistance» de François Mauriac, dois notáveis sonetos de Jean Casson, um estudo sobre «A música Chinesa» de Ma Cé Hwang Lopez de la Cámara, «Três realizações da Ciência Francesa», do Duque de Broglie, etc.

Por último, e além das crónicas sobre actualidade literária a respeito da «Ilha Doida» de Joaquim Ferreira, e «Fôgo no Mar» de João Falcato, há, entre os documentos sensacionais, um de François Mauriac — da Academia Francesa — intitulado: «Du nationalisme intégral à la trahison».

Além do seu belo aspecto gráfico, o valor dos assuntos versados, impõem «Afinidades» como uma das melhores revistas que entre nós vê a luz da publicidade.

Lê-la, é ter uma certeza — recrear o espirito e enriquecer a bagagem dos conhecimentos.

Solteira e Só — por Joaquim Motz Junior.

Com o seu costumado esmero gráfico acaba a Editorial Enciclopédia, Lda., de Lisboa, de lançar no mercado o novo romance do jovem e talentoso prosador de «Fetiço do Império», e «Sinais do Céu», dois outros êxitos de livraria incontestáveis. O facto de esta obra ter sido seleccionada por aquela prestigiosa editorial, escrupulosa e cheia de cuidados intelectuais no seu labor, bastaria para lhe garantir a qualidade e a altura; mas a obra, em si mesmo possui os requisitos necessários para um grande e justo êxito. Efectivamente, o autor, numa linguagem pulcra e serena, sem aiares de extravagância, mas sempre polida e castigada, põe, desenvolve e define um problema sentimental típico da sociedade actual, o da luta da mulher só, apenas amparada na sua honestidade instintiva, e contra o meio devorador, feroz, impiedoso que ameaça sorvê-la nos redemoinhos do vício e da perdição, numa seqüência de cenas bellissimas e cheias de verdade, palpantes de generosidade e situadas num meio pitoresco e popular onde as figuras, algumas traçadas com mão de mestre, estão vivas e vorazes, nas

belos do programa. Teremos, pois, Festas rijas, tao rijas como o entusiasmo do ilustre vimaranense senhor António José Pereira de Lima, venerado e estimado cidadão, que a sua terra nunca negou o seu valioso, leal e sincero concurso, razão por que mais uma vez o vemos à frente da Comissão em referência.

S.

FEZ-SE POUCO?

Escola Comercial

Mousinho da Silveira

Há denove e nos que novos horizontes se abriram na vida portuguesa. A todos, mesmo aos mais renitentes em crer, a diferença é patente. Começou-se pelo saneamento financeiro. A economia nacional andava endividada em somas espantosas. Nem crédito nem possibilidades de conseguir. O Ministro das Finanças elaborou o orçamento do País, fiel a esta norma: não podem as despesas continuar a exceder as receitas, é mesmo preciso que estas sobre um tanto para cobrir as dívidas dos anos idos. E em breve o País pagou quanto devia (alguns milhões de contos!) e iniciou as reservas que a renovação de todos os aspectos da sua vida exigiam.

Equilibradas as finanças — era chegada a hora das grandes obras nacionais. E vieram. As estradas rasgaram-se muitas; reconstruíram-se todas quantas havia, abandonadas, intransitáveis, de piso impróprio e antiquado. Tô-ias as vias e meios de comunicação — marítimos, aéreos, telegráficos e telefónicos — tiveram um incremento que nunca se atingira na História do País. As barragens com extraordinário aproveitamento hidráulico e agrícola das suas águas, iniciaram-se. Trabalho a milhares de portugueses, enriquecimento de milhares de quilómetros de terrenos até ai estérteis ou pouco produtivos.

As serras arborizaram-se; até ai escalvadas e inúteis, transformaram-se em centros de riqueza pela madeira e carvão das suas lenhas.

A terra — estudou-se melhor o seu aproveitamento: dispersaram-se pelo País, brigadas técnicas que olham pelas culturas, pelas sementes, pelas colheitas.

Os portos — apetrecharam-se dos modernos maquinismos. Desassorearam-se. Tornaram-se capazes de receber os maiores barcos nacionais e estrangeiros. A marinha fez-se completamente. Barcos que se compraram, outros que se repararam — echem os nossos portos e dão à economia e à soberania nacional o justo lugar, rendimento e garantia.

O exército criou-se, a bem dizer, no que respeita à sua preparação e ao seu apetrechamento. É uma verdade — vergonhosa — que antes do 28 de Maio os soldados portugueses eram instruídos com modelos de madeira! Não havia dinheiro para aquisição das armas!

A política interna deixou de ser a vergonha das revoluções semanais ou mensais, da indignidade dos políticos da rua e passou a ser de paz, de ordem, de trabalho. Promulgaram-se os diplomas fundamentais da Nação: a Constituição, o Acto Colonial, o Estatuto Nacional do Trabalho.

A política externa passou do desprezo com que éramos olhados e tratados (pense-se no lugar que nos deram em Versalhes) à consideração e dignificação presentes: referências elogiosas e desinteressadas dos chefes de Estado estrangeiros, da imprensa de todo o mundo. Em presença do que se enunciou — e foi uma parte mínima do que se fez e do que se vai fazer — pense-se no que a Nação deve ao 28 de Maio e conclua-se se sim ou não estes dezanove anos representam um dos períodos mais gloriosos da História de Portugal.

Nesta aura de renovação nada se esqueceu que pudesse ter interesse nacional. Revigorou-se o ambiente moral, criou-se uma política do espírito, protecção às artes e letras nacionais, mandaram-se ao estrangeiro centenas de bolsellos a estudarem melhor a química, a engenharia, a filologia, a técnica, a cultura. Olhou-se com cuidado e interesse para o problema social. Ha apenas dezanove anos e os operários portugueses contam já, sem necessidade de greves nem distúrbios, com regalias iguais e, nalguns casos, superiores às que usufruem operários dos mais prósperos países do mundo.

«Em 1097 — diz Herculano — o conde Henrique dominava todo o território do Minho ao Tejo... e Afonso VI, casando com ele sua filha D. Tereza, não se limitou a entregar-lhe o governo da provincia portucalense... as propriedades regalias, isto é, do património do rei e da coroa, passaram a ser possuídas como bens hereditários entre os dois consortes».

Este historiador-romancista, autor de «O Bobo», cuja acção tem por teatro o Castelo de Guimarães, escreveu ainda: «O ameno e aprazível sitio atraíu os poderosos, o conde Henrique quiz aí habitar algum tempo e sobre as ruínas de «um fraco e pequeno castelo», a que os monges se acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros, se levantou

aquele máquina, notável por sua fortaleza, vastidão e elegância, e não tendo outro por trinta léguas em roda, que ouzasse disputar-lhe a primazia».

Foi nessa fortificação que, na menordade do infante e depois da segurança do poder, se deram acontecimentos de grande monta na História Pátria.

Guimarães vive, por um lado, presa às suas recordações históricas, devotada por outro ao seu labor progressivo.

Compreendendo nitidamente o seu dever, a sua missão livre, o homem criou a escola, que é um monumento maior do que podemos imaginar.

Guimarães é disso também um formoso exemplo — possui a Sociedade Martins Sarmento. Este nome — quer lembre o notável arqueólogo, o homem, glória do seu país, quer lembre a agremiação simpática — só e de per si é um padrão glorioso.

Não é necessário ter à mão o programa desta Sociedade, nem conhecer os seus estatutos; bastam os seus actos, que mostram quanto pode a boa vontade, dirigindo patrioticamente o progresso de um povo.

Guimarães deve a esta grande sociedade a sua exposição industrial de 1884, a sua escola industrial de «Francisco de Holanda», a fundação de um instituto escolar com o quadro das disciplinas do liceu, de cursos nocturnos de francês e desenho para industriais, a abertura ao público de uma biblioteca, etc., etc.

Quem quisesse revelar a dedicação desta benemérita sociedade pela causa sagrada da instrução popular, teria de escrever, páginas e páginas, talvez um grosso volume.

Tenho imensa pena de acabar, sem dizer mais e melhor, desta pequena, mas grande cidade, onde nasceu aquele a quem nós devemos a fundação da nossa querida Pátria — Pátria cuja história encerra as mais nobres lições de heroísmo, de sacrificio e de fé.

Agradecemos ao Sr. Dr. Bertino Daciano a honra dos cumprimentos que se dignou apresentar-nos.

Recordei-me, porém, talvez a tempo, daquelas palavras do célebre romancista Eça de Queiroz:

«Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquillidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. Não vale a pena fazer um esforço, correr com ansia para coisa alguma... Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder».

Pausadamente, então, peguei na história e recordei o que havia estudado sobre a formosa Guimarães.

Emfim, cheguei ao ponto que queria focar e a respeito do qual pretendia fazer umas considerações, reflectindo e meditando, admirando e aplaudindo.

Guimarães foi berço de um povo e coração de uma pátria. Primeira cõrte portuguesa, aqui fixou residência o conde D. Henrique nos fins do século XI, e aqui nasceu também D. Afonso Henriques, fundador da monarquia, sendo baptizado na capela de S. Miguel do Castelo.

É o centro industrial mais importante do Minho. Guimarães, uma pequena cidade, é a mais rica de Portugal, a de mais haveres próprios, independentes de todo o auxilio e favor alheio, e é também a mais trabalhadora. Das indústrias, que constituem a colmeia industrial vimaranense, são importantísimas: a da cutelaria, a dos panos de linho e algodão, a das línhas e a dos couros. Os produtos fabricados são espalhados por todo o país, exportando também para a África e para o Brasil.

Adentro do seu trabalho, de uma afeição nova, Guimarães conserva nos seus aspectos exteriores o cunho tradicional, primitivo e legitimamente nosso. Rica e poderosa, não faz senão violentamente e em grau muito limitado permissão alguma às correntes da moda alheia.

Mantém os usos e costumes de antanho, os hábitos remotos, com a austeridade de um burguês probo, que regeita as superfluídades vaidosas das pessoas ricas, e tem convicções inquebrantáveis, inabaláveis e propriamente suas.

Guimarães é profundamente interessante sob o ponto de vista tradicional, para as observações da arte e da pedagogia nacional, do espírito e do carácter.

Onde mais se agrupam as reminiscências históricas de Vimaranes, e onde o intelecto melhor pode evocar as tradições apoteóticas do «berço da monarquia», é no monte, onde sobrevive o velho castelo fundado por Mumadona.

aquele máquina, notável por sua fortaleza, vastidão e elegância, e não tendo outro por trinta léguas em roda, que ouzasse disputar-lhe a primazia».

Foi nessa fortificação que, na menordade do infante e depois da segurança do poder, se deram acontecimentos de grande monta na História Pátria.

Guimarães vive, por um lado, presa às suas recordações históricas, devotada por outro ao seu labor progressivo.

Compreendendo nitidamente o seu dever, a sua missão livre, o homem criou a escola, que é um monumento maior do que podemos imaginar.

Guimarães é disso também um formoso exemplo — possui a Sociedade Martins Sarmento. Este nome — quer lembre o notável arqueólogo, o homem, glória do seu país, quer lembre a agremiação simpática — só e de per si é um padrão glorioso.

Não é necessário ter à mão o programa desta Sociedade, nem conhecer os seus estatutos; bastam os seus actos, que mostram quanto pode a boa vontade, dirigindo patrioticamente o progresso de um povo.

Guimarães deve a esta grande sociedade a sua exposição industrial de 1884, a sua escola industrial de «Francisco de Holanda», a fundação de um instituto escolar com o quadro das disciplinas do liceu, de cursos nocturnos de francês e desenho para industriais, a abertura ao público de uma biblioteca, etc., etc.

Quem quisesse revelar a dedicação desta benemérita sociedade pela causa sagrada da instrução popular, teria de escrever, páginas e páginas, talvez um grosso volume.

Tenho imensa pena de acabar, sem dizer mais e melhor, desta pequena, mas grande cidade, onde nasceu aquele a quem nós devemos a fundação da nossa querida Pátria — Pátria cuja história encerra as mais nobres lições de heroísmo, de sacrificio e de fé.

Agradecemos ao Sr. Dr. Bertino Daciano a honra dos cumprimentos que se dignou apresentar-nos.

Recordei-me, porém, talvez a tempo, daquelas palavras do célebre romancista Eça de Queiroz:

«Tudo aceitar, o que vem e o que foge, com a tranquillidade com que se acolhem as naturais mudanças de dias agrestes e de dias suaves. Não vale a pena fazer um esforço, correr com ansia para coisa alguma... Nem para o amor, nem para a glória, nem para o dinheiro, nem para o poder».

Pausadamente, então, peguei na história e recordei o que havia estudado sobre a formosa Guimarães.

Emfim, cheguei ao ponto que queria focar e a respeito do qual pretendia fazer umas considerações, reflectindo e meditando, admirando e aplaudindo.

Guimarães foi berço de um povo e coração de uma pátria. Primeira cõrte portuguesa, aqui fixou residência o conde D. Henrique nos fins do século XI, e aqui nasceu também D. Afonso Henriques, fundador da monarquia, sendo baptizado na capela de S. Miguel do Castelo.

É o centro industrial mais importante do Minho. Guimarães, uma pequena cidade, é a mais rica de Portugal, a de mais haveres próprios, independentes de todo o auxilio e favor alheio, e é também a mais trabalhadora. Das indústrias, que constituem a colmeia industrial vimaranense, são importantísimas: a da cutelaria, a dos panos de linho e algodão, a das línhas e a dos couros. Os produtos fabricados são espalhados por todo o país, exportando também para a África e para o Brasil.

Adentro do seu trabalho, de uma afeição nova, Guimarães conserva nos seus aspectos exteriores o cunho tradicional, primitivo e legitimamente nosso. Rica e poderosa, não faz senão violentamente e em grau muito limitado permissão alguma às correntes da moda alheia.

Mantém os usos e costumes de antanho, os hábitos remotos, com a austeridade de um burguês probo, que regeita as superfluídades vaidosas das pessoas ricas, e tem convicções inquebrantáveis, inabaláveis e propriamente suas.

Guimarães é profundamente interessante sob o ponto de vista tradicional, para as observações da arte e da pedagogia nacional, do espírito e do carácter.

Onde mais se agrupam as reminiscências históricas de Vimaranes, e onde o intelecto melhor pode evocar as tradições apoteóticas do «berço da monarquia», é no monte, onde sobrevive o velho castelo fundado por Mumadona.

Este historiador-romancista, autor de «O Bobo», cuja acção tem por teatro o Castelo de Guimarães, escreveu ainda: «O ameno e aprazível sitio atraíu os poderosos, o conde Henrique quiz aí habitar algum tempo e sobre as ruínas de «um fraco e pequeno castelo», a que os monges se acolhiam ante o assolador tufão das correrias dos mouros, se levantou

TEATRO JORDÃO

Hoje e amanhã, às 15 e às 21 1/2 horas e terça-feira, às 21 1/2 horas:

A comédia portuguesa de grande successo

UM HOMEM ÀS DIREITAS

Brilhante interpretação de

Maria Matos, Julieta Castelo, Carmen Dolores, Barreto Poeta, Virgílio Teixeira.

O primeiro grande prêmio de cinematografia do S. N. I.

Sexta-feira, 1 de Junho, às 21 1/2 horas:

SABOTAGEM

com Priscilla Lane

e Robert Cummings

Um admirável e emocionante filme de espionagem.

SEXTA-FEIRA, 1 DE JUNHO

450 CONTOS

PREFIRAM SEMPRE O JOGO COM O CARIMBO DA CASA DA SORTE

BILHETES À VENDA

Agente em Guimarães:

Pedro da Silva Freitas

“CHAFARICA”

11—Rua de Santo António—13

Telefone 4221 Teleg. Perfeitas

GUIMARÃES

Nesse sentido a Mêsã vai dirigir um apêlo aos vimaranenses, sendo de esperar que esse apêlo tenha por parte da população o melhor acolhimento.

Nossa Senhora do Perpétuo Socorro — Do dia 2 a 10 de Junho celebrar-se-á na capela dos PP. Redentoristas a Novena em honra de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro que constará dos seguintes exercícios: Pela manhã: às missas das seis e meia e das nove horas, novena rezada acompanhada de lindos cânticos; De tarde: às seis horas, Terço, Sermão e Bênção do SS. Sacramento. O orador da Novena será o Rev. P. Patricio.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Inocente Alberto da Costa Pacheco — Contando apenas 9 anos de idade, finou-se o inocente Alberto da Costa Pacheco, filho do nosso prezado amigo e concetuido industrial Sr. António Luis da Silva Dantas.

Na próxma terça-feira, 29, passa o 2.º aniversário do falecimento do nosso saudoso amigo e benquista industrial vimaranense Sr. António Luis da Silva Dantas.

Por tal motivo sua família manda celebrar, pelas 10 horas dêsse dia, na igreja da Oliveira, uma missa de sufrágio pela sua alma.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas — Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. Capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto e Casimiro Martins Fernandes, respectivamente Presidentes do Grémio da Lavoura e do Grémio do Comércio.

Também regressou de Lisboa o sr. Dr. Castro Gonçalves, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães.

Partiu para Lisboa, com pouca demora, o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Tem estado na Covilhã, em viagem comercial, o nosso bom amigo sr. José Maria Machado Vaz.

No passado domingo esteve nesta cidade, com sua família, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. António José Ribeiro, residente no Porto.

Também vimos nesta cidade o

nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Manuel de Sousa Guise.

Da sua linda vinda de S. Torcato regressou à sua Casa desta cidade a família do nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Partiram para Lisboa os nossos prezados amigos srs. António de Sousa Lima, Pedro Nunes de Freitas e Eduardo Pereira dos Santos.

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. António José Pereira Rodrigues e Augusto Pinto Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, há dias, nesta cidade, o nosso prezado amigo e digno Vice-Presidente da Câmara Municipal de Fafe, sr. J. A. Machado.

Regressou há dias de Lisboa o nosso prezado amigo sr. António Silveira.

Estece nesta cidade, no domingo, o nosso prezado amigo sr. Manuel Lopes, do Porto.

Já regressou à sua Casa do Funchal, de onde recebemos há dias agradáveis notícias, o nosso querido amigo sr. Alfredo Marques Ferraz, que há bem pouco ainda e no seu regresso de Londres, onde foi tratar da sua saúde, veio trazer-nos o seu abraço amigo.

Partiu ontem para Lisboa o nosso bom amigo sr. António Alberto Pimenta Machado.

Estece nesta cidade o hábil ornamentalista, de Felgueiras, sr. Constantino Lira.

Doentes — Tem estado gravemente enfermo o nosso prezado amigo sr. Constantino Santoalha.

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo sr. Dr. Mário Dias de Castro, Delegado de Saúde neste concelho.

Continua a experimentar sensíveis melhoras a esposa do nosso bom amigo sr. Augusto Joaquim da Silva.

Foi submetida, com êxito, a uma melindrosa operação, na Casa de Saúde da Bonvieta, no Porto, a esposa do nosso prezado amigo sr. Isidoro José Ferreira.

Tem experimentado sensíveis melhoras, segundo notícias fidedignas, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Lino Xavier de Carvalho, que continua no Sanatório Marítimo do Norte, conforme temos noticiado.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Casamento — No passado mês realizou-se o auspicioso enlace da gentil menina D. Maria Augusta Alves Leite de Faria, prenhada filha do sr. Augusto Mondina de Faria, proprietário e antigo

funcionário superior da Câmara Municipal do Porto, e de sua esposa, sr.ª D. Laurinda de Jesus Alves Faria, com o sr. dr. Ricardo Mondina de Amorim, afilhado dos pais da noiva e filho do nosso bom amigo sr. Ricardo Vieira de Amorim, funcionário superior do Liceu Martins Sarmento, e de sua esposa, sr.ª D. Maria da Glória Amorim.

Foram padrinhos dos noivos a sr.ª D. Maria Eduarda Macêdo Freitas de Moura Machado e seu marido o nosso prezado amigo sr. dr. José Maria de Moura Machado, ilustre professor do Liceu Martins Sarmento, amigo íntimo do noivo.

A noiva fazia-se acompanhar das respectivas damas de honra e de meninas que seguravam a cauda e das que conduziam as almeíças e as alianças.

Presidiu às cerimónias religiosas, que tiveram lugar na paróquia igreja de Paranhos, no Porto, o ilustre abade da freguesia, o sr. Dr. Manuel Pereira da Silva, que proferiu uma alocução referente ao acto.

Antes do enlace o reverendo abade celebrou missa que foi acompanhada ao órgão pela sr.ª D. Maria da Conceição Rodrigues Leite Alves, antiga professora da noiva, e pelas sr.ªs D. Maria das Dóres Rodrigues Leite e D. Maria Joaquina Magalhães, com cânticos adequados.

Na ocasião própria, junto ao altar, apresentou armas, enquanto se fazia ouvir o terço de clarins, a guarda de honra dos internados do Asilo Profissional do Terço, de que o pai da noiva é um dos directores.

No final da cerimónia religiosa foi servido, aos numerosos convidados, na Quinta Sêca, em Paranhos, propriedade e residência dos pais da noiva, um finíssimo copo de água.

Na corbelha dos noivos viam-se muitas e valiosas prendas.

Os noivos, a quem desejamos as maiores felicidades, seguiram em viagem de núpcias para o Sul.

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 15, a sr.ª D. Maria de Lourdes Pires Dourado, esposa do nosso prezado amigo sr. José Braz Dourado, ausente no Rio de Janeiro (Brasil); no dia 25 a menina Maria Orquídia de Sousa Pires, filha do nosso bom amigo sr. Henrique Pires; no dia 29, o nosso prezado amigo sr. António de Sousa Lima; no dia 31 a menina Maria de Lourdes Marques Rodrigues, filha do nosso prezado amigo sr. Agostinho Rodrigues Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Maria da Glória Marques Rodrigues; no dia 1 de Junho, o ilustrado sacerdote e nosso prezado amigo sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos, veneranda relliquia da extinta collegiada de Guimarães e o também nosso prezado amigo e distinto advogado sr. Dr. José Joaquim de Oliveira Bastos; no mesmo dia a sr.ª D. Francisca da Fonseca Cardoso, esposa do nosso bom amigo sr. Manuel Lopes Cardoso; no dia 2, o distinto académico sr. João Manuel Loureiro Moreira; no dia 3, os nossos prezados amigos srs. Diamantino Augusto Soares Mourão e João Alberto Pimenta e o menino João António Queiroz Castro, filho do nosso prezado amigo sr. Francisco Ribeiro de Castro.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os seus cumprimentos de felicitações.

Misericórdia de Guimarães

Movimento hospitalar no mês de Abril de 1945

Hospital Geral de Santo António

Consultas no Banco, 401.

Recitas abonadas a doentes externos, 186.

Parturientes recolhidas, 28.

Crianças nascidas, 23, sendo 12 do sexo masculino e 11 do sexo feminino.

Doentes existentes no último dia do mês de Março, 85.

Doentes entrados durante o mês de Abril, 161.

Doentes saídos:

Curados, 91.

Melhorados, 39.

No mesmo estado, 2.

Falecidos, 4.

Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 110.

Banhos dados no balneário, 300.

Operações de grande e pequena cirurgia, 71.

Curativos feitos no Banco, 1.627.

Oftalmologia: — Curativos, 176.

operações, 1.

Oto-rino-laringologia — Curativos 84.

Injecções applicadas, 1.952.

Sessões de Raios ultra-violetas, 187.

Sessões de Diatermia, 107.

Sessões de Raios infra-vermelhos, 45.

Sessões de correntes galvânicas e farádicas, 11.

Ginecologia, 139.

Média diária de doentes, 103.

Sopa a pobres — S. Paio, 48; Dornim, 217.

Hospital António Francisco Guimarães-Vizela

Doentes existentes no último dia do mês de Março, 8.

Doentes entrados durante o mês de Abril, 8.

Doentes saídos:

Curados, 6.

Melhorados, 3.

Curativos no Banco, 123.

Operações de pequena cirurgia, 1.

Injecções applicadas, 26.

Ficaram existindo no último dia do mês de Abril, 7.

suas misérias e grandezas, «Solteira e Só» vai decerto ter o êxito de público que largamente merece.

SELOS

Material filatélico

Falanges decorativas

Filatélica do Norte

CASA DE SANTA TERESINHA

Rua da República

GUIMARÃES

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . . 840\$00

Para os nossos pobres recebermos mais do Sr. Francisco Inácio da Cunha Guimarães, para solenizar a Paz na Europa e em sufrágio da alma de pessoas de sua família, a quantia de . . . 250\$00

A transportar. . . 1.090\$00

Procedemos à distribuição por famílias envergonhadas assim como por alguns doentes muito necessitados em nome dos quais agradecemos.

NOTÍCIAS DO EPIPISTA

SECÇÃO CHARADÍSTICA

dirigida por Lusbel

Dicionários adoptados nesta Secção: — Torrinha, Moreno, Povo, (compl.), Boquete (ling. e sin.) sin. de Bandeira.

CHARADISMO

EPENTÉTICAS

Esta espécie compõe-se também de dois conceitos e a sua estrutura é idêntica à das sincopadas, mas de maneira inversa, isto é, enquanto nas sincopadas se suprime a sílaba central, nas epentéticas — como o étimo define — aumenta-se uma sílaba no centro do termo escolhido para o primeiro conceito, ficando assim formado o segundo. Assim, deve procurar-se um termo com número par de sílabas, aumentase-lhe uma sílaba no centro, formando outro termo, com cujos significados se formarão os conceitos.

Um exemplo: Na existência dos povos nem só o pão é alimento. — 2-3

Para solucionar esta charada epentética temos de procurar um sinónimo de **existência** com duas sílabas que, com outra que encaixasse no centro, desse um sinónimo de **alimento** com três sílabas.

Teríamos encontrado, então, **vida** que com mais a sílaba **na** no centro, dá **vianda**.

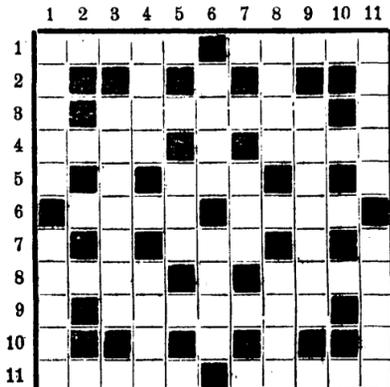
A solução da charada, seria, portanto: **vida-vianda**.

EPENTÉTICAS

- 1) O rosto nem sempre nos revela o que se aprende na aula. — 2-3
Guimarães P. DE INKIN.
- 2) A astúcia é má conselheira e pior protectora. — 2-3
Lisboa ROTIR (G. X.).
- 3) A verdadeira educação, manda respeitar quem nos respeita. — 2-3
Guimarães JORACA (T. V.).
- 4) Na Vida dos que sofrem, a dor é eterna opressão. — 2-3
Setúbal PEPIITA.

PALAVRAS CRUZADAS

N.º 150 (A PRÊMIO)



Agradecimento a "Jomo de Guimaraes" pelos seus problemas para o fim de semana e citação especial a P. de Inklin para ajuizar da sua super-rápida solução.

LAGE — (Guimarães).

ENUNCIADO

Horizontais: 1 — Reusar; director. 3 — Prazer. 4 — Poção de remédio que se toma de cada vez; ave de rapina. 5 — O que não compram cartas (no volante). 6 — O que dirige ou encaminha; vazia. 7 — Motivo. 8 — Unifórmes; submetei. 9 — Que mitiga dores. 11 — Derramado; harmonizar.

Verticais: 1 — Cilada em meio de um tumulto; homem atilado. 3 — Vaidade óca. 4 — Qualidade; erva doce. 5 — Maneira. 6 — Escritório de tabelião; ataque violento de hidrofobia. 7 — Ribeiro de Portugal. 8 — Moeda portuguesa de Din; relativo a mulher velha. 9 — Mãe da raíua. 11 — Espécie de pintassigo esverdeado; quadrar.

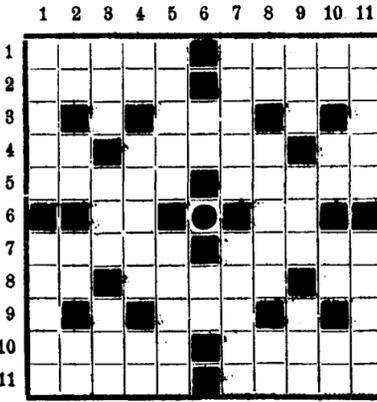
PRÊMIO: "Não o levarás contigo", obra humorística de José Rosado.

CRUZADISMO PARA TODOS

ENUNCIADO

Horizontais: 1 — Solo; rodilha. 2 — Desmoronar; calhaus. 3 — Patrão. 4 — Aqueles; transferir; roda. 5 — Livro; círculos. 6 — Gemido; porco. 7 — Prejuízo; ventura. 8 — Único; officio; estás. 9 — Camareira. 10 — Correr; marca. 11 — Sobreaverga; reinar.

Verticais: 1 — Gagos; purifico. 2 — Ele; desamparado; prep.; não. 3 — Caminho; casa; rezo. 4 — Graça; confiada; aragem. 5 — Lavrado; balela. 6 — Mim; pron. 7 — Estrondar; sementeira. 8 — Culpada; esburacados; caminhar. 9 — Ourela; remorso; gaste. 10 — Poeira; malévola; até; aqui. 11 — Dificuldades; permanecer.



MENESES — (Guimarães).

Solução do n.º 149:

Horizontais: 1 — Mar; fim; ata. 2 — Aflojo; adiar. 3 — La; arame; pó. 4 — Mira; apta. 5 — Medi; arma. 6 — Abatera. 7 — Lada; apia. 8 — Pelo; odor. 9 — Mu; Douro; ar. 10 — Aereo; arado. 11 — Uma; ser; sal.

Verticais: 1 — Mat; mel; mau. 2 — Afame; apnem. 3 — Ro; idade; rã. 4 — Garibalde. 5 — Fora; eos. 6 — Ata. 7 — Mama; orar. 8 — Deparado. 9 — Af; trap; os. 10 — Tapam; irada. 11 — Aro; ais; rol.

Correspondência: — J. GARCIA. — Rua Egas Moniz, 85 — Guimarães.

ANTIGUIDADES

MÓVEIS / PORCELANAS RARAS / CRISTAIS E VIDROS DOURADOS / PRATAS / JOIAS / QUADROS E TAPEÇARIAS:

Compram-se ao melhor preço e vamos ver a qualquer parte.

Carta ao Apartado, 41 — ESPINHO

Arrendam-se uns moinhos na propriedade da Várzea, freguesia de Santa Eulália de Fermentões. Nesta Redacção se informa.

BOM EMPRÉGO DE CAPITAL

Vendem-se 2 moradas de casas de boa construção, em pedra, sitas num dos mais belos locais de S. Torcato. Informa: Av. Miguel Bombarda, 32-38.

LOJA

Toma-se de arrendamento para pequeno armazém. Informa-se nesta Redacção.

DO MEU CANHENHO

Sol e Sombra

Quando, em 18 de Dezembro do ano findo, escrevia, para o número especial do «Notícias de Guimarães», um modesto artigo, que rotulei de *Pelo Natal de há quarenta anos*, desde logo e para mim próprio, tomei o formal compromisso de um outro, mais tarde, rabiscar, seu complemento, visto que com ele mais ou menos se relacionava, pela contemporaneidade.

Evoquei, então, com profunda saudade, aquela radiosa manhã de Janeiro, coincidindo com o primeiro dia de aulas após as curtas férias do Natal, em que nos agrupávamos no jardim fronteiriço ao edifício da antiga Escola de Ensino Normal de Viana-do-Castelo, quando um dos contínuos da secretaria veio anunciar-nos a chegada dum telegrama, do então Ministério do Reino, que doou o referido dia, em comemoração da chegada a Lisboa de Sua Majestade o Rei de Espanha, em visita oficial ao nosso país.

Ora, um dia destes, folheando, numa livraria local, de livros antigos e usados, um velho *Anuário do Distrito de Viana-do-Castelo*, encontrei, numas das suas derradeiras laudas, nada mais nada menos do que uma feliz caricatura do Sr. Dr. Queiroz Velloso, lente jubilado da Universidade de Lisboa, empunhando uma enxada sob a seguinte legenda: «Cavando no passado!» e devida ao irreverente lápis de Francisco Valença que, ainda há bem pouco, expôs, no Salão Silva Porto, desta cidade, vários trabalhos seus, que tão tisonjeiramente foram apreciados pelos críticos.

Conheci o Sr. Dr. Queiroz Velloso, quando, nos primórdios do século actual, numa situação do partido regenerador, Sua Ex.ª veio chefiar o distrito vianês, como seu governador civil, e assisti, como mero espectador, à sua chegada à estação do caminho de ferro e jamais olvidarei a imponente recepção de que foi alvo, por todas as forças vivas da Princesa do Lima e representantes dos diversos concelhos circunvizinhos.

Não me esqueci também — e é daí que vem a correlação dos dois artigos — que, mercê dos esforços daquele homem público e de letras, como chefe do meu distrito, que a Avenida da Liberdade, de Lisboa, e em honra do augusto Chefe de Estado da nação vizinha, Afonso XIII, foi toda iluminada à moda do Minho, durante noites seguidas, por artistas de Viana-do-Castelo e de Ponte de Lima.

Os jornais da época fartaram-se, fartaram-se de elogiar o trabalho primoroso dos iluministas das duas povoações minhotas e Suas Majestades (a nossa e a espanhola) e suas comitivas tiveram ensejo de o apreciarem devidamente e elicitaram, com efusão, o Sr. Dr. Queiroz Velloso, pela sua invulgar iniciativa, em prol do distrito em que superintendia.

Porém, não há bela sem senão. Para a montagem das ornamentações tornou-se necessário deslocar, para a capital do Reino, brigadas especiais de operários da Ponte e Viana, que, após as festas e entusiasmos com o feliz êxito dos seus trabalhos, não tardaram em exteriorizá-los, de maneira bem estranha: — à pancadaria reciproca, a pontos da polícia lisboeta ter de intervir e conduzir ao Aljube vários dos contendores. Para os restituí-los à liberdade, não pouco incómodo teve o Sr. Dr. Queiroz Velloso, que prestes tratou de os pôr a mexer, a caminho das terras-das suas residências.

Logo que se soube do seu regresso, a colónia de pontelinenses na sede do seu distrito, então numerosa, deu-se pressa em acudir à gare do caminho de ferro, a fim de colher informes das peripécias ocorridas na capital. Um dos concorrentes era o então normalista e hoje autor destas fugidias regras que, sem ser jornalista, ouviu, da boca de um dos seus modestos contrários, o comentário que segue, que não deixa de ter o seu saine, ao fim de quarenta e um anos volvidos:

— «O que não há direito, senhor Antoninho, (fórmula de tratamento que-me era dada, nos meus tempos de adolescência, pelos meus patrícios de maioridade) é que, tendo nós ido a Lisboa levar o sol, à meia-noite, nos tivéssemos à sombra, durante quatro dias!»

Porto, 18 de Maio de 1945.

António José de Oliveira.

A. Gomes, Filhos & Sá
OURIVESARIA GOMES
PÓVOA DE VARRIZ
Oficina de Ourivesaria — Relojuaria
— Joalharia — Gravadores —

Fixe bem

Para calçado de verão em sola e piso de borracha em todos os géneros e o mais barato, só na

CAMISARIA MARTINS
A CASA DAS MEIAS

Agradidão Nacional

em Fátima

Ressoam ainda os clamores de regozijo pelo fim da guerra na Europa. E' bem humana a onda de alegria que domina os homens nos festejos da tréguas. Não somos nem poderíamos ser estranhos a tais sentimentos. Se não temos que lamentar grandes destruições e mortes na comunidade portuguesa, mais sincera e humana será a nossa satisfação por isso a não diminuí senão a comunhão nas desventuras que atingiram povos com quem partilhámos através de uma tradicional amizade o ideal comum da civilização e do bem da Humanidade. Mas essa feliz circunstância cria-nos obrigações especiais. Vivemos em paz, rodeados de guerra.

Hoje, que os engenhos destruidores cessaram na Europa a sua diabólica obra de morte, sentimos a protecção divina prometida «na prudência dos timoneiros da Nação», na sagacidade e equilíbrio, com que regeram os negócios nacionais, no bom termo a que conduziram, com «o patrocínio miraculoso de Nossa Senhora de Fátima», o Governo do País.

A consciência cristã da Nação sente que, nestes cinco anos de incêndio, pairou sobre o povo português o manto acolhedor da Padroeira Santa Maria. As possibilidades infinitas da sua protecção miraculosa, vemo-las no sossêgo em que vivemos, na paz em que trabalhamos e na acertada conduta dos dirigentes da Nação que humanamente condicionaram o patrocínio divino.

De todos os recantos de Portugal, com sacrificios que são alegrias íntimas, acorreram à Cova da Iria milhares e milhares de portugueses — delegados de quantos ficamos — no agradecimento fervoroso à mãe de Deus pela Paz tão penhoradamente concedida à Nação.

As preces e os cânticos foram este ano de louvor e gratidão de quantas almas acompanharam com seus rogos à Virgem de Fátima, o esforço divinamente protegido, dos Governantes do País, para que a destruição e a morte não tocassem. Secundando o apêlo do Episcopado, o povo português foi a Fátima agradecer, em hossanas de acção de graças a dádiva da Paz — dom de alegria pura.

Santa Casa de M. de Guimarães

Sessão da Mesa de 18 de Maio

Sob a presidência do respectivo Provedor, Sr. Mário de Sousa Menezes, reuniu a Mesa Administrativa da Santa Casa da Misericórdia.

O Sr. Provedor deu conhecimento de que visitaram este Hospital, no dia 15 do corrente, os Srs. Drs. Faustino Eugénio Lopes de Neiva, Horácio Assis Gonçalves, José Alberto Braga da Cruz, respectivamente, Director dos Serviços Médico-Sociais e Inspector de Assistência, Inspector dos Serviços Administrativos da Assistência e Delegado de Assistência de Família em Braga, que vieram colher elementos para o futuro desenvolvimento deste Hospital.

Também deu conhecimento dum circular da 3.ª Divisão da Direcção Geral da Assistência sobre a realização do Cortejo das Oferendas.

A Mesa registou com grande satisfação o oferecimento de um benfeitor desta Santa Casa para a realização da obra de beneficiação na Sala do Despacho e noutras dependências do Hospital, oferecimento que a Mesa aceitou, tendo dado início às obras que lhe foram indicadas.

Passando no dia 28 do corrente o centenário do falecimento de José Joaquim da Silva Pinheiro, que pôs em toda a sua vida um grande desvelo a favor dos entevados, dando início às obras da casa do Asilo de S. Paio, foi resolvido mandar celebrar uma missa na Igreja da Misericórdia, pelas 8 horas desse dia, com a assistência da Mesa e dos Asilados.

A Mesa tomou conhecimento de ter falecido no Rio de Janeiro a Sr.ª D. Maria da Conceição Guimarães usufrutária de bens pertencentes a esta Misericórdia, viúva do benfeitor

CAMIONAGEN

Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES DE NAVEGAÇÃO

Casa Fundada em 1928
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PÓRTO

Telefones 78 e Estado 57
CORREIO Apartado 12

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Correspondentes Bancários
Depositários de Tabacos e Fósforos
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão
Produtos da CUF -- Aducos, enxofre, etc.
Revendedor da Sociedade de Produtos LACTEOS
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS
Chás — Papelaria — Perfumarias
Merceria fina Colonial. Sortido completo em Miudezas. Armazém de Merceria anexo de Francisco Pereira da Silva Quintas

ANIVERSÁRIOS DE JORNAIS

Os Ridículos.

Entrou no 41.º ano de publicidade este brilhante bi-semanário lisboeta, de que foi fundador o saído jornalista humorista Cruz Moreira (Caracoles).

Congratulando nos com data tão festiva para toda a família de «Os Ridículos», aprez-nos endereçar as melhores saudações ao seu actual director o distinto jornalista Sr. Rebelo da Silva, com votos bem sinceros de uma vida longa e próspera para o apreciado intérprete da boa graça e crítica portuguesa.

Jornal de Santo Tirso.

Registou no dia 4 do corrente o 63.º aniversário de gloriosa existência o nosso prezado confrade «Jornal de Santo Tirso».

Não traduz esta data completo jubilo, por ser assinalada pela triste recordação do 1.º aniversário do passamento do seu director José Cardoso Santarém, perdurando ainda por muito tempo a saudade e tristeza que passam sobre todos os seus antigos companheiros de trabalho.

O Jornal de Felgueiras

Este nosso prezado colega que na linda e progressiva vila de Felgueiras goza de muito prestigio pela relevância dos serviços prestados em prol do seu progresso e desenvolvimento, comemorou, no passado dia 12 do corrente, o 38.º aniversário, facto que encheu de jubilo todos os seus amigos e colaboradores.

Pequenas escritas, etc.

Pessoa habilitada com as tardes livres, encarrega-se de pequenas escritas ou outros serviços compatíveis. Informa esta Redacção. 750

GAVES DA RAPOSEIRA
—
GRANDES VINHOS
ESPUMANTE NATURAIS
—
LAMEGO

Um **HOMEM** às direitas só usa Camisa **MAGNA**, a camisa moderna de corte elegante e lindos padrões. Use V. Ex.ª só **CAMISA MAGNA**. Vendedor Exclusivo: **Camisaria Martins a Casa das Meias**

Carrinho para criança

Precisa-se de um em bom estado e que seja espaçoso. Dão-se informes na Redacção. (910)

Anunciar no «Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.